



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

IBRAIM EDI COSTA MANÉ

**FLUXOS MIGRATÓRIOS TRANSITÓRIOS, VIOLÊNCIAS E SEUS IMPACTOS
PSICOSOCIAIS NOS MIGRANTES AFRICANOS: CASO DOS ESTUDANTES
INTERNACIONAIS NA UNILAB NO PERÍODO DE 2016 - 2020.**

Redeção

2021

IBRAIM EDI COSTA MANÉ

**FLUXOS MIGRATÓRIOS TRANSITÓRIOS, VIOLÊNCIAS E SEUS IMPACTOS
PSICOSOCIAIS NOS MIGRANTES AFRICANOS: CASO DOS ESTUDANTES
INTERNACIONAIS NA UNILAB NO PERÍODO DE 2016 - 2020.**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação de Trabalho de Conclusão no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa

Redenção

2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
OBJETIVO GERAL	8
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
PROBLEMÁTICA	8
JUSTIFICATIVA	9
DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA	11
METODOLOGIA.....	19
REFERÊNCIAS	20

Resumo:

Este projeto de pesquisa tem objetivo de compreender os impactos psicossociais das violências praticadas contra estudantes migrantes que permanecem temporariamente nas cidades de Redenção e Acarape – CE – Brasil, no período de 2016-2020, aquando de sua formação na UNILAB. Privilegiamos compreender os impactos psicossociais das violências praticadas nos sujeitos acima mencionados a partir da perspectiva dos mesmos, propondo assim, uma leitura atenta as identidades estudantis produzidas nesse contexto adverso. A pesquisa contará com a técnica de observação participante e serão, meus interlocutores da pesquisa e sujeitos pesquisados, os estudantes migrantes da UNILAB que permanecem temporariamente na região já referida, portanto: angolanos, caboverdianos, guineenses, moçambicanos, são-tomenses com os quais interagiremos por meio de entrevistas, contará ainda com levantamento documental e bibliográfico. Aqui, propõe-se uma abordagem qualitativa a luz de lentes antropológicas (etnografia), pois, merecerá uma análise minuciosa para compreender os fatores intrínsecos e profundos desse questionário: Até que ponto as múltiplas violências praticadas contra os estudantes migrantes na universidade de integração internacional da lusofonia afro brasileira (UNILAB) e suas adjacências interferem na permanência, formação e saída exitosa de estudante migrante?

Palavra-chave: Migração; Violência; UNILAB; Estudantes Internacionais; Africanos.

Apresentação

As redes de sociabilidade e os seus dispositivos estão cada vez mais restringidos em pequenos grupos que se separam baseando nas suas diferenças (Subuhana, 2007). Os fatores que estão na gênese de constituição e da manutenção dos grupos são distintos: Religião/religiosidade, etnicidade, parentesco, entre outros. Posto isso, é da nossa preocupação o crescimento das ondas de violências que se verificam e tem crescido e motivadas cada vez mais nesse âmbito de segregação de grupos diferenciados pelos domínios acima referidos, sobretudo, as violências praticadas contra os migrantes na Diáspora que aqui nos interessa mais. Optamos pelo uso do termo migrante devido a mudança da lei que antes era “Estatuto de Estrangeiro (Lei nº 6.815 de 1980) com aprovação da Lei nº 13.445 de 2017, passa a ser designado de Lei de Migração” (Claro, C. D. A. B. 2020). De acordo com Cavalcanti et al. (2017) citado por Claro, C. (2020) “a lei revogada via o imigrante como o “outro”, o “estranho”, o “alienígena”, a nova lei parte da premissa da acolhida da pessoa em mobilidade, em sintonia com o léxico mais atual sobre o tema” (Claro, C. D. A. B. 2020 p.43)

Neste projeto, o objetivo central é compreender os impactos psicossociais das violências praticadas contra estudantes migrantes que permanecem temporariamente nas cidades de Redenção e Acarape – CE – Brasil, aquando de sua formação na UNILAB. Privilegiamos compreender os impactos psicossociais das violências praticadas nos sujeitos acima mencionados a partir da perspectiva dos mesmos, propondo assim, uma leitura atenta as identidades estudantis produzidas nesse contexto adverso.

Afim de alcançar este objetivo a nossa pergunta de partida é seguinte: Até que ponto as múltiplas violências praticadas contra os estudantes migrantes na universidade de integração internacional da lusofonia afro brasileira (UNILAB) e suas adjacências interferem na permanência, formação e saída exitosa de estudante migrante? Relacionando a nossa pergunta de partida, pretendemos também olhar para o abismo entre a proposta política de instalação da UNILAB em Maciço de Baturité e a realidade vivida e/ou experimentada por estudantes migrantes, principalmente os africanos na região.

Com o objetivo de responder a nossa questão de partida (que é desdobramento do nosso objetivo central), trilhamos um caminho que em primeiro momento falamos sobre o contexto de criação da UNILAB; em um segundo momento nos debruçamos sobre o processo migratório no qual os estudantes africanos estão inseridos; em um terceiro

momento descrevemos a morfologia da sociabilidade entre nacionais e estudantes migrantes.

Para tornar possível a realização desta pesquisa, optaremos em termos metodológicos por análise documental (referente aos documentos, minutas e normativos que regem o funcionamento da UNILAB) e revisão bibliográfica (trabalhos acadêmicos publicados, artigos e livros sobre o tema). A pesquisa contará com a técnica de observação participante e serão, meus interlocutores da pesquisa e sujeitos pesquisados, como mencionado alhures, os estudantes migrantes da UNILAB que permanecem temporariamente na região já referida, portanto: angolanos, caboverdianos, guineenses, moçambicanos, são-tomenses com os quais interagiremos por meio de entrevista sob o tema – FLUXOS MIGRATÓRIOS TRANSITÓRIOS, VIOLÊNCIAS E SEUS IMPACTOS PSICOSOCIAIS NOS MIGRANTES AFRICANOS: CASO DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UNILAB NO PERÍODO DE 2016 – 2020.

A escolha deste recorte temporal deve-se pelo fato de acreditar que depois de quatro anos de vivência nas cidades situadas no Maciço de Baturité, os estudantes tenham uma percepção maior dos tipos de violência que lhes afligem e por ter experimentado e vivenciado vários eventos/episódios ganham autoridade para explicar os impactos dessas violências múltiplas sofridas durante esse tempo da sua estadia nestas cidades. Além disso, o próprio pesquisador faz parte deste universo de pesquisa, por estar a se tornar antropólogo é parte do ofício trazer neste trabalho relatos vividos, ouvidos e presenciados durante o tempo da estadia.

Conforme estabelece a lei de criação no seu art. 1º a UNILAB é uma instituição de natureza jurídica autárquica. É uma universidade pública, federal brasileira, criada pela Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010, nasce no quadro da cooperação solidária entre países da CPLP, e de acordo com PDI “ na mudança da política de educação superior no Brasil que prioriza dois princípios fundamentais: interiorização e internacionalização” (PDI 2016-2021, p.7). A ideia da cooperação solidária Sul-Sul que aqui aparece como um dos propulsores da criação/fundação da UNILAB é um termo/conceito que já vem sendo questionado e debatido. LOURAU, Julie et al. (2018), sugerem que seja feita uma análise crítica da cooperação solidária entre Brasil e países africanos principalmente os da PALOP, pois,

“a cooperação Sul-Sul no século XXI, embora inspirada pelos princípios de Conferência de Bandung de 1955, dentre outros a solidariedade, o enfrentamento ao colonialismo, combate ao racismo, intercâmbios comerciais justos, serve igualmente aos interesses estratégicos, políticos e econômicos dos países parceiros” (Lourau, J., & Malomalo, B., & Souza, O. R. 2018 p.530).

De acordo com o seu estatuto de 2020, a UNILAB tem como objetivo “ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, [...]bem como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional” (Estatuto 2020, p.4).

Em conformidade com diretrizes gerais a sua missão institucional é:

“Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa - especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente - por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente” (Diretrizes gerais 2010, p.12).

Conta com campi no Ceará e na Bahia, sendo que a sua sede se encontra no Ceará onde dispõe de 3 campus contando com a sede que são: campus de Liberdade (sede) e Auroras em Redenção e campus dos Palmares em Acarape. Campus de Malês no São Francisco de Conde, Bahia.

As cidades aqui mencionadas são cidades no interior de Ceará e Bahia: Redenção e Acarape no Estado do Ceará, região do Maciço de Baturité. E São Francisco do Conde no Estado da Bahia.

No semestre 2019.2 os dados obtidos no portal da universidade apontam que a UNILAB conta com 1156 estudantes internacionais na graduação dos quais: 325 são angolanos, 58 são caboverdianos, 661 são guineenses, 45 são moçambicanos, 57 são são-tomenses e 9 são timorenses. Ainda conta com 13 estudantes internacionais na pós graduação, dentre

eles 1 caboverdiano, 11 guineenses e 1 moçambicano. Fonte: Portal da UNILAB disponível em: <http://unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>.

Objetivo geral

Compreender os principais impactos psicossociais das violências múltiplas praticadas contra os estudantes migrantes e seus desdobramentos na permanência, formação e saída exitosa destes.

Objetivos específicos

- Descrever o processo migratório temporário na Unilab no qual os estudantes migrantes estão inseridos.
- Descrever a sociabilidade entre nacionais e estudantes migrantes na UNILAB e suas adjacências.
- Analisar os padrões de comportamento que se estabelecem entre estudantes migrantes e os moradores das cidades do Maciço de Baturité.

Problemática

As violências são práticas muito presentes na migração, principalmente na migração dos africanos/negros para as diásporas tanto europeias como americanas, e outras regiões. Como podemos constatar nesta passagem de Alphonse, F. (2016) “com o crescimento da chegada de imigrantes ao Brasil, assim como os casos discriminatórios, preconceitos e xenofobias em face deles” (Alphonse, F. 2016 p.111). São relatos muito evidentes em outras formas de produção (artístico no caso), no gênero musical hip-hop/rap, por exemplo, de jovens africanos (ou luso-africanos) músicos e rappers residentes em Portugal e outras partes obviamente, têm-se feito essas denúncias de várias formas de violências. Segundo Kilomba, G. (2019) mesmo que tenhamos produzido, dentro da academia são trabalhos avaliados como “acientífico”, ressalta a autora “não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas[...], postas como fatos subjetivos e emotivos diferente de fatos objetivos e racionais” (Kilomba, G. 2019, p.51-52). Esta passagem evidencia de um lado, existência de pouca literatura que aborda a temática na academia - um tema pouco explorado. De outro lado, mostra a necessidade e importância de elaborar

questionamentos e produzir reflexões acerca da presença dos migrantes estudantes internacionais (africanos) no Maciço de Baturité e as múltiplas violências, conflitos psicossociais encarados por estes durante a sua estadia nas cidades de Redenção e Acarape. Para tal, questiona-se:

Até que ponto as múltiplas violências praticadas contra os estudantes migrantes na universidade de integração internacional da lusofonia afro brasileira (UNILAB) e suas adjacências interferem na permanência, formação e saída exitosa de estudante migrante?

Justificativa

Inicialmente, justifica-se a escolha do referido tema e objetivo considerando sua pertinência em várias ordens e dimensões: pessoal, acadêmica e social. Sendo que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), através das suas Diretrizes gerais/Estatuto possui características distintas das outras Instituições do Ensino Superior brasileiro (IES), por exemplo UFC, UFBA, entre outros. Pois, foi criada com base na ideia de uma Integração Internacional, cooperação solidária/SUL-SUL, intercâmbio cultural e justiça social restaurativa para com o povo africano devido ao processo histórico que marginalizou a imagem de um continente e os seus descendentes – escravização no caso.

Em contraposição a essas características que fazem desta instituição singular, ela se encontra sediada na região do maciço de Baturité, na cidade de Redenção para ser mais preciso. Uma cidade muito pouco desenvolvida e sofre de carência estrutural para responder as demandas de novos agentes (estudantes africanos/internacionais). Além disso, foi uma cidade escravocrata que recebe hoje, estudantes oriundos dos países africanos, uma população que em outras circunstâncias foram desumanizadas neste espaço/território. Este legado da escravização, portanto, ainda é muito presente na cidade, detectadas na estrutura da cidade e na própria relação entre os estudantes e nativos. Essa carência na estrutura e o legado da escravização constituem-se o obstáculo para inserção dos estudantes nesse espaço.

Entre o contraste na política do qual a Unilab é alicerçada e os obstáculos para inserção dos estudantes africanos/internacionais, nasce a minha inquietação. A chegada na cidade marcada pelo encontro com outras nacionalidades que compõem a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP) e os mesmos tirando o Brasil também compõem Países

Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Agregando assim diferentes países, nomeadamente: Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. E o entendimento do que é ser africano, negro no Brasil que segundo Vera Rodrigues Da Silva “ser negro como me relatou uma interlocutora que assim se assume, é ser equivalente a pobre, feio, marginal e como ela disse ninguém quer ser assim” (Silva, V. R. R. D. 2017, p.14), o entendimento de uma imagem estereotipada do continente africano que foi enraizada de maneira que não se consegue distinguir diferentes países que compõem o continente. As frequentes perguntas ignorantes que cercam a nossa estadia a exemplo desta colocada pela Vera Rodrigues “O sol no seu país é tão quente quanto aqui?” (Silva, V. R. R. D. 2017, p.2) aumento de preços do produto nas vendas informais, pelo facto de seres migrante, aumento de valor da imobiliária, atendimento péssimo e com desprezo em estabelecimentos (bares, mercados, feiras, ginásios) e serviços (hospitais, farmácias, bancos, bodega, padarias, rodoviária, correios) da cidade me indignaram a ponto de querer entender como essas violências impactam os estudantes africanos/internacionais durante o tempo da permanência. Portanto, a importância do presente trabalho na ordem pessoal justifica-se, por motivo destas inquietações (eventos) acima referidas e sobretudo pelo facto de próprio pesquisador também se encontrar na situação do estudante internacional. Dito de outro modo, o pesquisador é parte da realidade social do objeto de investigação.

A sua dimensão académica justifica-se pelo facto de existir carência de bibliografias sobre a presença/permanência dos estudantes internacionais, no Estado do Ceará, Brasil, sobretudo dos estudantes africanos em redenção, em relação a isso, este trabalho poderá servir de material para embasamento de futuros trabalhos que se darão nesse assunto. No mais será um ato político em que um africano escreve sobre assunto dos africanos obedecendo as regras metodológicas que farão deste trabalho uma produção científica, pois, como enfatiza Kilomba, G. (2019, p.50) “o centro académico não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilegio da fala tem sido negado para pessoas negras”. Esta oportunidade, portanto, por ser negro, africano, guineense, constitui-se numa tarefa comigo mesmo e para com os nossos. Destacando dessa forma, a importância de ocuparmos lugares que nos permita falar/escrever por nós e sobre nós.

Já na dimensão social, destaca-se a importância e necessidade de debatermos sobre tema de violência contra qualquer grupo social. E neste trabalho como é notável, a preocupação de versar sobre a migração recai na violência vivida/sofrida por estudantes

africanos/internacionais durante a sua estadia na cidade de Redenção e Acarape. Portanto, um trabalho que pretende analisar e compreender as dimensões dessa problemática e da violência crê-se que possa dar um retorno plausível para a comunidade. Portanto, este trabalho intenciona compreender como a trajetória dos estudantes africanos/internacionais é marcado por violências de modo que se possa criar mecanismos para evitar e combater eventuais situações que ameaçam a estadia dos estudantes. É nossa preocupação, pois, os factos são e estão evidentes, temos assistido nos últimos tempos a violência de todo tipo contra os corpos negros a exemplo, tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos. Violências praticadas por entidades de domínio de segurança/policial que têm praticado genocídio da nossa população. Atos que não começaram hoje, mas graças a desenvolvimento dos meios de comunicação passamos a assistir a essas atrocidades. Então diante dessa brutalidade com corpo negro e para nós que somos negros, africanos e estrangeiros a sensação é de insegurança e vulnerabilidade, partindo deste ponto, justifico a importância deste trabalho na dimensão social.

DISCUSÃO BIBLIOGRÁFICA

Considerando o objetivo geral traçado para esta pesquisa que é, compreender os principais impactos psicossociais das violências múltiplas praticadas contra os estudantes migrantes e seus desdobramentos na permanência, formação e saída exitosa destes, é de suma importância trazer para esta discussão os termos que impulsionam este fluxo migratório e justificam a estadia dos estudantes internacionais como aponta o primeiro ponto dos objetivos específicos.

Provenientes de países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Os estudantes vêm para o Brasil, dentro do quadro de cooperação solidária entre Brasil e os países-membros da CPLP para fins totalmente acadêmico (formação superior). A vinda dos estudantes é caracterizada por ter destino específico no Brasil, para cidades de Redenção e Acarape no Ceará e para São Francisco do Conde na Bahia, onde se encontram instaladas os campi da UNILAB. Mas pelo recorte feito neste trabalho, centraremos o nosso foco nas cidades de Redenção e Acarape. Para isso é importante entendermos o quadro do surgimento desta instituição afim de termos uma ideia mais elaborada sobre a estadia dos nossos interlocutores, as causas, efeitos desta estadia nas suas trajetórias.

A Unilab (universidade da integração internacional da lusofonia afro brasileira), portanto, tal qual a vinda dos estudantes, ela é uma instituição pública federal que nasce no mesmo quadro da cooperação solidária entre países da CPLP, e na “mudança da política de educação superior no Brasil que prioriza dois princípios fundamentais: interiorização e internacionalização” (PDI 201-2021 p.7). Em conformidade com (PDI 2016-2021 p.7), explica-se que a “ampliação das instituições federais de ensino superior mais antigas para o interior do País se dá como estratégia de expansão e democratização do acesso ao ensino superior no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, diminuindo assim as desigualdades regionais”. E a internacionalização “inspira-se no PNE, instituído pela Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001, que dirigiu às universidades o desafio do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, os requisitos de relevância, qualidade e cooperação internacional”.

Assim nasce a UNILAB diferente de outros programas que já existiam (como PEC-G ou PEC-PG) que exercem o fluxo da vinda dos estudantes de outros países, de acordo com as diretrizes “ela aponta também para um encontro da nacionalidade brasileira com sua história, à medida que terá por foco tornar-se um centro de pesquisa e formação de jovens brasileiros em interação com estudantes de países onde também se fala a língua portuguesa” (diretrizes gerais 2010, p.5). Pelo exposto até aqui dos últimos pontos apresentados nos interessa mais o último a internacionalização visto que é um dos princípios da sua criação que nos ajuda a compreender o motivo da estadia e vinda dos estudantes internacionais para as cidades de Redenção e Acarape e são aspectos que fazem dela uma instituição singular. De acordo com o artigo 1º do seu Estatuto “foi criada pela Lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010, o que faz da UNILAB uma instituição autárquica pública federal de ensino superior, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Redenção, no Maciço do Baturité, no Estado do Ceará” (Estatuto 2020, p.4).

Em conformidade com estatuto de 2020 a UNILAB tem por objetivo:

“ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países

membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional” (Estatuto 2020, p.4).

Nesta seção é importante entender que buscamos trazer a partir dos documentos que regem o funcionamento desta instituição (UNILAB), a justificativa como também a legitimidade da presença dos estudantes internacionais (africanos/as) na universidade, nos espaços públicos e alojando durante o período dos estudos nas cidades já citadas. Da mesma forma que é explícito no seu objetivo podemos ainda ver no seu PDI que:

a UNILAB valoriza os princípios de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com caráter humano e social; reconhecimento das diferenças como meio de cooperar e integrar; reconhecimento e respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural e, de gênero; inclusão social com qualidade acadêmica; articulação interdisciplinar entre ensino-pesquisa-extensão; pesquisa científica, tecnológica, humanística e artística inspirada nos ideais de liberdade e referida a problemas cuja solução seja relevante para o desenvolvimento nacional, dos países parceiros, das regiões e bem-estar da população; formação vinculada à criação de consciência cidadã, sustentada no respeito aos direitos humanos, à diversidade cultural e à paz mundial; proporcionar o acesso e promover a disseminação da informação institucional, técnica, científica, artística e cultural registrada nos mais diversos suportes físicos, eletrônicos, digitais e virtuais (PDI 2016-2021, p.11).

Portanto, a UNILAB é criada dentro do quadro de cooperação solidaria e integrativa entre os países da CPLP que é resultante na elaboração das políticas que regem esta instituição. Ser uma universidade de integração faz da UNILAB um espaço multicultural e de trocas pela diversidade que nela se encontra. Para a efetivação da proposta de cooperação internacional e integração segundo o seu PDI “metade das vagas ofertadas é destinada ao público brasileiro, cuja seleção é feita por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU)

e a outra metade é destinada a estudantes oriundos dos países parceiros, selecionados mediante processo específico” (PDI 2016-2021, p.12).

É importante que se entenda o quadro da vinda dos estudantes internacionais a partir dos pontos aqui expostos originários dos documentos que legitimam a criação e o funcionamento desta instituição, a universidade deve sim criar este diálogo com a comunidade externa onde se encontram instaladas campi da UNILAB porque existe uma ideia distorcida sobre a presença africana, principalmente no Maciço de Baturité. As consequências dessa distorção que de forma alguma coadunam com os ideais que motivaram a instalação dos campi no interior do Ceará e da Bahia, além disso fomenta práticas e evocação dos discursos racistas e xenófobas, como pode ser constatado no próprio acervo da universidade este assunto já vinha sendo discutido (apesar de ser pouco) a exemplo de quando Domingos Mula Cá Júnior (2016) escreve sobre “Interculturalidade e integração: os problemas enfrentados pelos estudantes internacionais da UNILAB” na sua monografia. Neste trabalho, é nos evidenciado as múltiplas formas de violências que atropelam o dia a dia dos estudantes internacionais a partir de relatos dos mesmos podendo constar no trecho que se segue:

“um estudante que, estando nos Correios de Redenção, esperando por atendimento, escuta o seguinte: <você tirou a vaga, na Universidade, do meu filho, que é de Redenção> (o que, claramente, além de constituir expressão de xenofobia, aponta para um desconhecimento explícito, por parte de membros da comunidade de Redenção, do papel de integração e cooperação internacional desempenhado pela UNILAB). Ainda outro exemplo de clara xenofobia seria o seguinte: um estudante internacional estava na Lotérica fazendo uma aposta, quando, de repente, escuta: <jogo é para brasileiro. Você não deveria jogar (tentar a sorte) aqui>. Casos de estudantes sentados sozinhos, em ônibus lotado e com pessoas em pé, viajando de Redenção para Fortaleza/Redenção, também foram relatados, enquadrando-se em casos de preconceito étnico- racial e/ou xenofobia, (...) De um modo geral, os estudantes relatam que é como se ser negro e africano despertasse a curiosidade e eles, nesse sentido, tenderiam

a se sentir observados, como se estivessem em uma espécie de vitrine, em evidência” (Cá, Junior. 2016, p.32-33).

E é da mesma forma que Osniel Paulo Insali (2018) formula uma hipótese acerca de “Discrepâncias entre a prática acadêmica e a base teórica-conceitual orientadora da constituição da UNILAB como Universidade de Integração Internacional Lusófona” no seu projeto. Ao passo que as informações obtidas nas diretrizes gerais, PDI e em outros documentos mostram que Redenção foi escolhido pelo reconhecimento do seu pioneirismo na libertação de escravos no Brasil, que de acordo com Silva, V. R. R. D. (2017, p.4), “esse pioneirismo entra em contradição com o apagamento, invisibilização social e histórico do negro no Ceará”. E São Francisco do Conde por ser município brasileiro com maior proporção de negros em sua população alegando assim valorização de símbolos que indicam compromissos acadêmicos e institucionais da UNILAB com a população brasileira afrodescendente. Uma ideia que é presente e aparece de forma explícito no discurso do então ex-presidente Luís Inácio Lula Da Silva na cerimônia da condecoração do título Dr. Honoris na UNILAB em 2013 em que ele explica o motivo da instalação dos campi da universidade na cidade de redenção. Segundo o ex-presidente Luís Inácio Lula Da Silva “No campus de Redenção repousam os valores de liberdade, justiça e igualdade que inspiram o projeto da Unilab. Aqui começou o resgate de uma dívida secular com os povos africanos.” (Da Silva, L.I. L. 2013, p.2)

É de grande importância o compromisso que a UNILAB traz na pauta com a população afro, mas será que o pioneirismo na libertação de escravizados deveria ser motivo da escolha da cidade? Seria isto algo positivo até o ponto de se orgulhar? Sendo uma cidade escravocrata que relação haveriam de estabelecer essas duas populações? Questionamentos que poderemos obter as respostas assim que a pesquisa for aplicada. Do outro lado é nessa contradição que os estudantes internacionais encaram a realidade contando com cinco a seis anos de estadia na cidade dependendo do curso e do desempenho do próprio estudante.

Essa estadia é nomeada num estudo semelhante intitulado “Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais” Subuhana. C (2007) de migração transitória por facto destes estudantes permanecerem nas cidades já referidas por um determinado tempo e ainda pode ser designada e/imigração temporária. Em conformidade com o autor a preferência pelo uso de termo deve-se “por acreditar que

o conceito “imigração” stricto sensu seria definitivo demais, uma vez que esses estudantes entram no Brasil com o “Visto Temporário IV”. É um visto que pode ser renovado e prorrogado anualmente”. Desta forma como os interlocutores do nosso projeto de pesquisa se encaixam na mesma perspectiva com os interlocutores no estudo feito pelo Carlos Subuhana, adotaremos o conceito da migração temporária para o nosso trabalho porque além da justificativa do tipo de visto que os estudantes são concedidos, ainda existe outro fator que não permite os estudantes permanecerem nas cidades de Redenção e Acarape após o término dos estudos. Este fator é de natureza social das cidades visto que elas são cidades pequenas no interior do Ceará pouco desenvolvido e que praticamente não oferecem oportunidades de emprego ou quaisquer atividades remuneradas. Portanto não existem condições de permanecer nelas sem apoio da universidade. Motivo pela qual adotaremos esse conceito.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio com estudantes migrantes um outro artigo que aborda assunto semelhante da migração temporária dos estudantes internacionais (africanos) para o Ceará é “Entre palmares e liberdade: reconfigurações identitárias de estudantes africanos na Unilab”. Neste artigo Daniele Ellery Mourão discute praticamente a mesma problemática de como é marcada a trajetória destes estudantes na construção dos seus projetos de vida e formação acadêmica resultante dum processo de reconfiguração identitária a partir das relações sociais que se estabelecem com estudantes internacionais entre si, com estudantes brasileiros, e estes com os cidadãos das cidades Redenção e Acarape quando inseridos nesse âmbito migratório. Ainda segundo a autora, a permanência temporária dos estudantes internacionais nas cidades já citadas desencadeia ora novas produções identitárias, ora produz resistências identitárias para se afirmar diante das discriminações de várias ordens e de tentativa de silenciamento e/ou apagamento da presença negra na região do maciço de Baturité.

A afirmação da identidade aqui a que se refere a autora pode ser compreendida a partir do evento que desencadeou a “Mobilização política dos imigrantes africanos no Atlântico Sul pela conquista de direitos em São Paulo: o caso da morte da Zulmira em 2012” da autoria do Basilele Malomalo. Neste artigo, o autor apresenta sistematização de informações e construção de uma narrativa sobre as lutas políticas protagonizadas pelas associações dos africanos, junto com outras de direitos humanos e antirracistas, no Atlântico Sul-Brasileiro, no período de 2012 até 2015, no Estado de São Paulo.

O que me leva a concordar que os imigrantes “são vistos como sujeitos históricos que se mobilizam pelos direitos da cidadania dos imigrantes”. MALOMALO, B. (2016). Ou seja, podemos detectar aqui a resistência na produção identitária que motivou este grupo a lutar pela justiça da morte/assassinato da estudante angolana, Zulmira.

É importante compreender, portanto, que esta mobilização se dá a partir da violência praticada com um grupo de estudantes em São Paulo, que de acordo com (KALY, 2001; SOUSA, 2014; LANGA, 2015) citado por MALOLO B. (2016, p. 8) São essas experiências negativas do racismo à brasileira que afetam a vida dos negros brasileiros e dos negros africanos (KALY, 2001; SOUSA, 2014; LANGA, 2015).

Vale salientar ainda que devido a problemática deste trabalho, a discussão sobre raça, racismo, xenofobia e nacionalismo não poderiam ficar de fora. A inclusão destas questões levou em consideração uma necessidade de analisar o aspecto inter-identitária, isto é como se dá a relação identitária entre esses estudantes estrangeiros e os habitantes das cidades do maciço de Baturité. Por outro lado, também, a xenofobia que possibilita o entendimento de como os esses estudantes se sentem excluídos do “nós” dos brasileiros. Os impactos psicossociais presente no contato dos estudantes estrangeiros com a região do Maciço de Baturité, também evoca de certo modo uma imagem estigmatizada criada sobre a África. Ou seja, as ocorrências de ações e comportamentos xenófobos tanto explícito quanto implícito evidenciam a construção de uma ideia sobre a África a partir da escravidão. Nesta linha de ideia podemos encontrar em Carneiro (2011), similaridade do Brasil com os demais países que teriam sido vítimas da escravidão. Ou seja, para autora, a escravidão teria marcado a sociedade brasileira e ainda prevalece essa marca. Porém, mesmo encontrando esta similaridade neste sentido, a marca da escravidão é muito mais vinculada ao negro africano, no que refere a sua identidade. Nesse sentido, podemos encontrar nas ideias do Appiah, os aspectos que envolvem a construção da identidade nacional africana. Nas palavras do autor:

O desaparecimento da difundida crença no negro como categoria biológica não deixaria nenhum traço diante do qual os racistas pudessem ter uma atitude. Mas não ofereceria, por si só, uma garantia de que os africanos escapassem ao estigma de séculos. (...) Sua confiante reiteração demonstraria apenas a persistência de velhos preconceitos em novas formas. Mas, até mesmo essa visão seria, sob certo aspecto, um avanço em relação ao racismo extrínseco, pois significaria que cada africano precisaria ser julgado por seus próprios méritos. Sem uma informação cultural, saber que alguém é de origem africana fornece pouca base para se supor grande coisa a seu respeito (APPIAH, 1997, p. 65-67).

A passagem acima evoca as questões presentes na construção da identidade nacional africana, que por um lado também aponta o racismo extrínseco presente na ideia da homogeneização da África e dos africanos. Ou seja, a África imaginada fora dela nega a grande variedade cultural, étnica e nacional deste continente. Deste modo a preocupação de Appiah não deixa de constituir as consequências geradas pelo grande equívoco científico do século passado que seria a noção de raça compreendida como conceito biológico. E, mais adiante o autor especifica alguns conceitos que teriam decorrido do conceito de raça. A primeira denomina-se “racialismo”, que refere a existência da espécie humana, naturalmente dividida em raças. A segunda constitui “o racismo extrínseco” que defende a existência de hierarquia dos valores morais e intelectuais das raças. E a última, “o racismo intrínseco”, que advoga a existência de uma afinidade moral e intelectual entre os membros da mesma raça.

Considerando as abordagens acima sobre a raça e o racismo, podemos retomar a ideia da homogeneização da África e dos africanos como sendo uma expressão do preconceito e racismo. Nesse sentido, algumas ações e comportamentos dos habitantes do Maciço de Baturité que apontam uma imagem construída sobre a África numa perspectiva homogênea, remete-nos a pensar nas consequências da colonização, que teria sido compreendida como elemento comum e marcante do continente africano.

Sendo assim, evocando a grande diversidade que existe em África, através das enormes diferenças entre matrizes étnicas culturais, vale também apontar a existência desta heterogeneidade presente nos estudantes estrangeiros da UNILAB. Sabendo que, cada nacionalidade presente na UNILAB possui sua cultura específica, seus hábitos, sua visão do mundo. Entretanto, é neste sentido que Candau (2008) salienta que é fundamental que a hibridização cultural seja levada em consideração na dinâmica dos diferentes grupos socioculturais. Deste modo, no caso dos estudantes estrangeiros, é imperativo a decifração de cada um deles. Ou seja, ao invés de utilização do termo “africano”, na perspectiva de uma relação social igualitária seria mais conveniente dizer “angolano” ou “guineense”, e na melhor das hipóteses chamar pelo nome ou “fulano”, por exemplo.

Esta tentativa dos estudantes estrangeiros em dar resposta a esta homogeneização, também demonstra como esses estudantes de cada nacionalidade elaboram as suas identidades nacionais. Por exemplo, ao perguntar um estudante guineense como este se apresenta enquanto africano, a resposta seria diferente de um angolano. Isto é, esta diferença na resposta evoca que apesar de ambos serem africanos, existem elementos específicos da cultura, dos hábitos e da visão de mundo de seu país.

Além dessas características não físicas, se formos tratar própria questão física podemos até encontrar algumas diferenças neste aspecto. Por exemplo, a partir da experiência pessoal e depoimentos já escutadas, pude decifrar um estudante moçambicano de um estudante cabo-verdiano. Talvez não tenha um estudo científico sobre a diferença entre os africanos no que diz respeito aos traços físicos, porém a preocupação em poder decifrar os estudantes estrangeiros também não parece constituir a preocupação dos habitantes da região do Maciço de Baturité e muita parte da comunidade unilabiana. Sendo assim, estaríamos perante o desencontro com os princípios que regem a UNILAB enquanto uma universidade intercultural.

Os aspectos acima descritos sobre a relação dos estudantes estrangeiros e os habitantes da região do Maciço de Baturité demonstra uma hostilidade que acaba impulsionando esses estudantes a criarem mecanismos de defesas ou respostas a esses desafios. Como estes criam os mecanismos de defesa? Quais seriam esses mecanismos? A resposta para estas duas perguntas encontram-se na medida em que estes estudantes se afastam dos brasileiros da melhor forma possível. Isto é, evitando qualquer contato que possa gerar uma situação desfavorável a ele. Por exemplo, os estudantes estrangeiros organizam torneios de futebol e não convidam os brasileiros a participarem. As comemorações de festas de independência e outras festas sem convidar os brasileiros. Portanto, mais uma vez estamos perante o desencontro com um dos princípios mais fundamentais que rege a UNILAB, que seria a integração. Pois, a integração proposta na base teórico conceitual da UNILAB, propõe uma integração não apenas dentro do espaço físico-geográfico da universidade, mas sobretudo com a região do Maciço de Baturité.

Metodologia

A reflexão desta proposta de pesquisa enfatizará uma discussão sobre os conceitos de migração, raça, racismo, xenofobia. Buscando compreender os principais impactos psicossociais da migração nos estudantes africanos que permanecem temporariamente nas cidades de Redenção e Acarape – CE Brasil, a partir da perspectiva dos próprios estudantes mediante uma entrevista com os estudantes estrangeiros. Deste modo, será utilizada uma abordagem qualitativa a luz de lentes antropológicas (etnografia), que de acordo com Diehl e Tatim (2004), pressupõe a compreensão e explicação de um determinado assunto. No que diz respeito ao tipo de pesquisa em objetivos, constituirá uma pesquisa de caráter descritiva. Isto é, considerando a necessidade de descrever os

impactos psicossociais propostos no objetivo. Este tipo de metodologia adequa-se a esta temática na medida que para Gil (2002), a pesquisa descritiva faz descrição de um determinado fenômeno mediante a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e observação.

Inicialmente, será feito um levantamento documental e bibliográfico com ênfase nos documentos sobre as Diretrizes da UNILAB e nas bibliografias sobre migração, raça, racismo, xenofobia. Segundo Gil (2002), esta técnica consiste na utilização de materiais já elaborados (fontes bibliográficos e documentais).

Relativamente a organização e desenvolvimento da pesquisa, será utilizada uma esquematização de seguinte maneira:

- a) Levantamento bibliográfico e documental: bibliografias que constituirão a revisão da literatura;
- b) Elaboração dos instrumentos de coleta de dados: ferramenta google meet;
- c) Seleção da amostra: um universo de 10 estudantes estrangeiras/os, divididos em 02 de cada país;
- d) Entrevista: aplicação de questionários e coleta de dados;
- e) Análise e interpretação de dados e por fim
- f) Redação do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALPHONSE, Fritznel. **HISTÓRIA, MIGRAÇÃO, RACISMO E XENOFOBIA BRASILEIRA: DIÁLOGO SOBRE OS HAITIANOS NO BRASIL DESDE 2010**, 2016.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai: a África na Filosofia da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BRASIL. LEI n. 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112289.htm>. Acesso em: 25 de jan. 2021.

CÁ, Junior. **Interculturalidade e integração: os problemas enfrentados pelos estudantes internacionais da UNILAB**. 2016 Monografia (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, UNILAB, Redenção, 2016.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de educação 13.37 (2008): 45-56.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** Selo Negro, 2015.

CLARO, Carolina de Abreu Batista. **Do estatuto do estrangeiro à lei de migração: avanços e expectativas.** 2020.

DA SILVA, L. I. L. **Discurso do Ex-Presidente Lula – Outorga do Título de Doutor Honoris Causa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – 1º de março de 2013.** UNILAB. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/03/Discurso-Lula.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

DIEHL, A.A.; TATIM, D.C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

GIL, Antônio Carlos, et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

INSALI, Osniel. **Discrepâncias entre a prática acadêmica e a base teórica-conceitual orientadora da constituição da UNILAB como Universidade de Integração Internacional Lusófona.** 2018 Projeto (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, UNILAB, Redenção, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2019.

LOURAU, Julie et al. **A UNILAB na perspectiva da Cooperação Sul-Sul: uma análise crítica decolonial africana.** Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 245, p. 517-552, 2018.

MALOMALO, BasIlele. **Mobilização política dos imigrantes africanos no Atlântico Sul pela conquista de direitos em São Paulo: o caso da morte da Zulmira em 2012.** Revista Crítica Histórica, Ano VII, n. 13, p. 1-26, 2016.

MOURÃO, Daniela Ellery. **Entre Palmares e Liberdade: reconfigurações identitárias de estudantes africanos na Unilab.** Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias, v. 3, 2016.

SILVA, Vera Regina Rodrigues da. **Entre a “negra nua” e a “cidadania negra”: notas etnográficas sobre identidade negra no Nordeste do Brasil.** 2017.

SUBUHANA, Carlos. **Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais.** Imaginário, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007.

UNILAB. **Diretrizes Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.** jul. de 2010.

UNILAB. ESTATUTO DA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). 2020. Disponível em: <<http://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto-Unilab-Dez.2020.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

UNILAB. PDI da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) 2016 – 2021. Disponível em: <<http://www.proplan.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2014/06/PDI-2016-2021.pdf>>. Acesso em: 15 de jan. 2021.